

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**LORENA MARTINS FALCONI**

**UMA ANÁLISE DA NOVA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO NAS  
RELAÇÕES DE COMÉRCIO ENTRE O ESTADO DE MINAS GERAIS E A CHINA  
NO PERÍODO DE 2008-2018**

**Abril de 2022**

LORENA MARTINS FALCONI

**UMA ANÁLISE DA NOVA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO NAS  
RELAÇÕES DE COMÉRCIO ENTRE O ESTADO DE MINAS GERAIS E A CHINA  
NO PERÍODO DE 2008-2018**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Relações Internacionais do Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia sob a orientação da Professora Dra. Soraia Aparecida Cardozo.

## **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo analisar as relações de comércio entre o estado de Minas Gerais e a China no período de 2008 a 2018, sob o prisma da Nova Divisão Internacional do Trabalho. Dessa forma, pretende-se demonstrar quais são os efeitos dessa aproximação, tendo em vista que o recorte histórico escolhido trará dados da primeira década após a crise da bolha imobiliária dos Estados Unidos. O estado de Minas Gerais é conhecido por ser industrializado e exportador, sendo que os principais produtos da pauta exportadora brasileira são encontrados nessa Unidade da Federação, que tem localização estratégica e é abundante em recursos naturais. As relações comerciais desses parceiros são caracterizadas pela grande complementariedade, uma vez que o Brasil ocupa o papel de país periférico enquanto a China é o país central, corroborando com a narrativa da Nova Divisão Internacional do Trabalho.

**PALAVRAS CHAVE:** Commodities; capitalismo; exportação; importação; relações comerciais.

## **ABSTRACT**

This article proposes to analyze the trade relations between the Minas Gerais state and China from 2008 to 2018, under the prism of the New International Division of Labor, in order to demonstrate the effects of this approximation, given that the historical clipping chosen will bring data from the first decade after the United State housing bubble crisis. The Minas Gerais state is known for being industrialized and exporter, and the main products of the Brazilian export agenda are found in it, which has a strategic location and is abundant in natural resources. The trade relations of this partners are characterized by great complementarity, since Brazil occupies the role of a peripheral country while China is a central country, corroborating the narrative of the New International Division of Labor.

**KEYWORDS:** Commodities; capitalism; exportation; importation; trade relations.

## INTRODUÇÃO

Este artigo busca demonstrar como se deu a aproximação comercial entre o estado de Minas Gerais e a China com foco para o período de 2008 a 2018, primeira década após a crise da bolha imobiliária dos Estados Unidos, um acontecimento histórico que trouxe consigo desafios frente ao novo cenário econômico mundial, tendo em vista a desestabilização causada pela crise.

O estado de Minas Gerais ocupa posição favorável em comparação aos demais estados brasileiros, pois é responsável pela produção dos principais produtos da pauta exportadora brasileira, devido a sua localização estratégica privilegiada e recursos naturais abundantes. Ou seja, o padrão de especialização do país, de abastecer os grandes centros com commodities, é muito semelhante a pauta exportadora mineira. Essa é a razão pela qual essa Unidade Federativa foi escolhida para ser analisada neste artigo.

O foco do artigo é demonstrar como se dão as trocas comerciais baseadas no conceito da Nova Divisão Internacional do Trabalho. Ramos, Weber, 2017, p.8, dizem que:

O entendimento do conceito ricardiano de divisão internacional do trabalho remete à noção das funções produtivas desempenhadas por cada país diante do cenário econômico internacional. É, de sobremodo, a primazia da potencialização das “vantagens” – sejam elas naturais (clima, solo) ou artificiais (infraestrutura, tecnologia, capital) – possíveis de cada Estado nação de modo a beneficiar o conjunto das nações com a produção com os menores custos. Trata-se, portanto, de uma divisão social do trabalho em larga escala, atribuindo especificidades às nações de acordo com o conjunto dos interesses internacionais mobilizados nas atividades produtivo-industriais e centradas no trabalho.

O Brasil é classificado na divisão centro-periferia como um país periférico e subdesenvolvido que tem grande relevância nas exportações de bens primários. Por outro lado, a China vem passando por um processo de ascensão após as reformas modernizantes, principalmente nos últimos 40 anos, ocupando posição de destaque na economia mundial.

Com base nesse contexto, o objetivo deste artigo é destacar as particularidades tanto da China, quanto do estado de Minas Gerais, mostrando como foi estabelecida uma importante parceria comercial. Pretende-se, também, apresentar quais foram os principais resultados desse estreitamento e como essa configuração reforça o caráter primário exportador brasileiro/mineiro. Por outro lado, apresenta-se como a China se

consolidou no cenário econômico global aproveitando a abertura econômica e os investimentos externos.

O problema de pesquisa consiste na indagação de como ocorreu à ascensão da China na economia mundial e como o estado de Minas Gerais se beneficiou pela alta demanda por commodities e bens primários.

A hipótese do trabalho é que apesar de se beneficiar com o aumento expressivo das exportações, houve em contrapartida o reforço da participação de produtos primários na pauta exportadora do estado de Minas Gerais, acentuando as características de primarização da pauta exportadora dessa Unidade da Federação.

O artigo está dividido em duas seções além da introdução e da conclusão. Na primeira seção são apresentadas as principais características do comércio entre Brasil e China nos anos 2000, com destaque para a aproximação comercial entre os dois países e a tendência de primarização das exportações brasileiras para China. Na segunda seção, são analisadas as informações relacionadas ao estado de Minas Gerais, mostrando como essa Unidade da Federação, especificamente, dentro desse processo de aproximação comercial entre Brasil e China, estreita seus laços comerciais com aquele país.

## **1. Comércio entre Brasil e China de 2008 a 2018**

O conceito de comércio internacional já foi elaborado por diferentes correntes de pensamento, na qual cada uma analisa sob a sua ótica em específico. O consenso entre os principais teóricos é que o comércio internacional propicia aos países alocação de recursos de forma eficiente, geração de emprego, distribuição de renda e aumento do bem estar social, geração de produção competitiva e com preços mais baixos. (SILVA et all, 2016).

Tratando-se de parceiros comerciais, conforme Pautasso (2010, p.25) descreve, Portugal foi o primeiro tendo a colonização forte influência. A Grã- Bretanha assume esse posto e a partir do século XX é substituída pelos Estados Unidos.

A década de 1970 é marcada pelos investimentos em processos de renovação e inovação tecnológicas pautadas na técnica industrial, que foram utilizadas com a finalidade de retomar desenvolvimento econômico. Nos anos 1980 houve uma

alteração da base da atividade industrial nos países desenvolvidos, o setor automobilístico foi substituído pelo complexo eletrônico. (RAMOS, WEBER, 2017).

A China passa a aderir ao capitalismo no viés econômico mantendo a centralização comunista na esfera política. O líder Deng Xiaoping, em 1978, adotou reformas modernizantes que abriu espaço para a política de atração de Investimento Direto Externo (IDE) durante a década de 1990. No início dos anos 2000 o país entrou na OMC (Organização Mundial do Comércio) (MARQUES, CAMPOS, 2020).

De acordo com Losurdo, 2004, p. 67, apud Leão, Pinto, Acioly (2011. p. 171),

Nesse sentido, a “onda chinesa” de desenvolvimento desencadeada pelas reformadas conduzidas por Deng Xiaoping (1978) pode ser sistematizada em dois planos. No plano internacional, foi uma resposta ativa ao período depressivo da economia mundial pós-1973 e ao ciclo de globalização que se seguiu, a partir de uma bem formulada reaproximação com os Estados Unidos. No plano interno, foi uma resposta ao isolamento diplomático decorrente da ruptura sino-soviética e aos percalços internos produzidos pela Revolução Cultural. Em função da conjuntura adversa, a China desencadearia uma flexão política nos assuntos domésticos e diplomáticos ao realizar “uma espécie de gigantesca e prolongada Nova Política Econômica (NEP)”, que recolocou na modernização econômica, e não na luta de classes, o núcleo da superação do atraso e do isolamento diplomático chinês.

Com mão de obra abundante e relativamente melhor qualificada se comparada ao Brasil e demais países da América Latina, os trabalhadores chineses agregavam valor aos produtos importados do Brasil e demais países. O resultado foi produtos mais competitivos que eram tanto absorvidos pelo próprio mercado interno, quanto exportado. Essa dinâmica reforça o conceito da Nova Divisão Internacional do Trabalho, que é caracterizada pelas relações centro-periferia. Onde a periferia abastece o centro com matéria-prima, que é processada gerando valor agregado aos produtos finais que são exportados pelo centro. Isso faz com que os países periféricos não saíam desse looping do subdesenvolvimento, ao passo que os países do centro ficam com grande parte do lucro tanto dos produtos quanto da exploração da mão de obra. (MARQUES, CAMPOS, 2020).

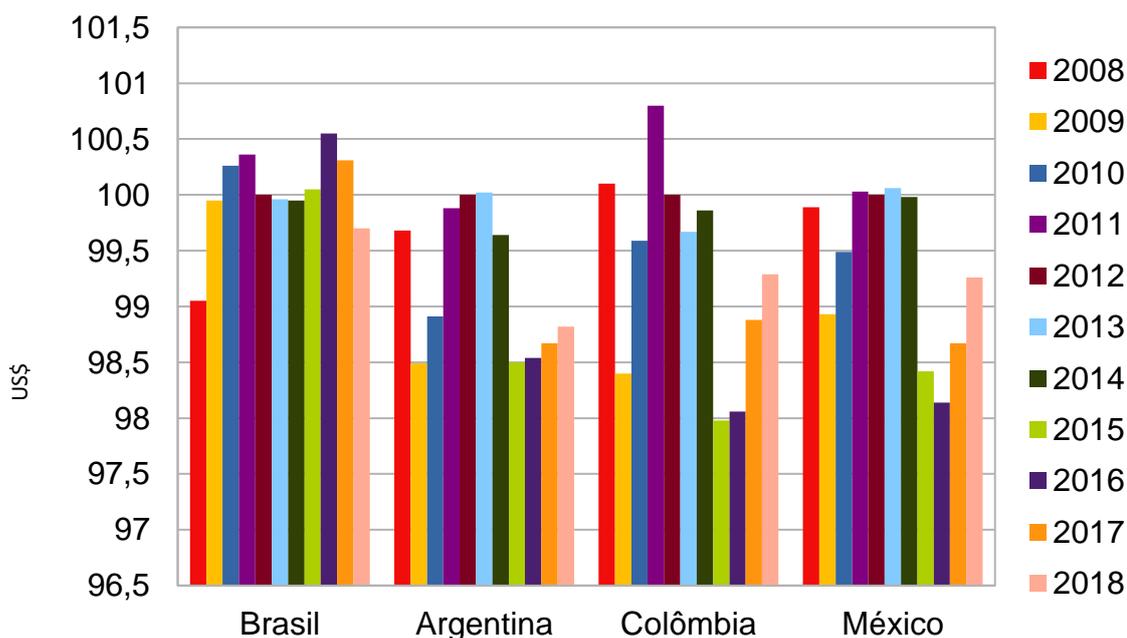
A partir do início dos anos 2000 a China alia investimentos, mão de obra abundante e qualificada, além de moeda desvalorizada frente ao dólar. Com isso, consegue se destacar no cenário do comércio econômico mundial. O boom das commodities dos países periféricos da América Latina foi um ponto crucial na ascensão chinesa. Pois, a partir de então o país aumentou cada vez mais a

importação de produtos primários e por volta de 2009 assumiu o topo do ranking como o principal parceiro comercial do Brasil. (PAUTASSO, 2010).

O processo da globalização, iniciado nos anos de 1980, marcou o aumento da integração comercial entre os países do mundo. Gerando mais dinamismo econômico aos produtos e também acarretou a: liberalização financeira, integração produtiva e abertura comercial. (LEÃO, PINTO, ACIOLY, 2011).

Neste contexto de maior integração produtiva, comercial e financeira, a China entrou na OMC em 2001. A partir de então se destaca a abertura econômica, gerando elevação no preço das commodities devido ao aumento da demanda. Esse aumento foi notado não só no Brasil, mas também em outros países da América Latina, conforme demonstrado no Gráfico 1.

**Gráfico 1: Evolução do preço das Commodities de 2008 a 2018 (em US\$)**



Fonte: Elaboração própria da autora, a partir de dados do FMI no ano de 2022.

A China passou a seguir a tendência de valorização do capital, propiciando maior participação na exportação de produtos manufaturados (juntamente com os

Tigres Asiáticos). Ocorreu à abertura para o capital externo e por meio desse mecanismo, o país investiu em tecnologia.

O Brasil que historicamente se destaca pela produção e venda de *commodities*, optou pelo caminho da liberalização comercial e financeira desde o início dos anos 1990. A década de 1990 também foi marcada pela predominância da apreciação cambial, como consequência, algumas indústrias foram instaladas e reforçaram o papel de dependência de insumos externos e importador de tecnologias. (CARDOZO, 2018).

Todos esses pontos fizeram com que, em grande medida, houvesse ampliação das importações na oferta total, além de maior participação de componentes importados no processo produtivo. Houve, dessa forma, perda da participação da indústria, gerando queda da participação da indústria de transformação no PIB. (CARDOZO, 2018).

O perfil brasileiro de produtor de matéria-prima não está ligado apenas a características regionais. Mas também aos investimentos precários e falta de mudanças estruturais profundas, que possibilitem maior independência e desenvolvimento interno. (PAUTASSO,2010).

O planejamento interno adotado, ao invés de dar margem para o desenvolvimento tecnológico e industrial do país, ratificou sua predisposição à exploração de recursos naturais para geração de matéria-prima. (PAUTASSO,2010).

Esse quadro evidencia a importância/dependência dos produtos de baixo valor agregado para as exportações, em comparação aos bens manufaturados. (MARQUES, CAMPOS, 2020).

De acordo com Cardozo, 2018, p. 405, apud Rocha (2012),

Evidenciando mais elementos para a interpretação do possível processo de desindustrialização, Rocha (2012) aponta para a ampliação da dependência em relação a insumos importados, cujo resultado é a desarticulação produtiva da indústria brasileira em conjunção com o câmbio valorizado, a abertura comercial e os juros altos. Desse ponto de vista, o processo de desindustrialização não seria explicado pelas taxas negativas de crescimento industrial, mas sim pelo crescimento mais acelerado dos segmentos produtores de bens menos sofisticados, pela tendência de montagem de produtos nos segmentos mais intensivos em tecnologia e pela crescente necessidade de importação para viabilizar a produção. O resultado dessa conjunção de fatores são os saldos comerciais negativos no

comércio de produtos industrializados, explicados pela necessidade crescente de importações e pela baixa competitividade dos produtos industrializados no mercado internacional.

Os pontos apresentados anteriormente retratam que o papel do Brasil, frente o cenário econômico na Nova Divisão Internacional do Trabalho, é de fornecedor de commodities.

Por outro lado, a China vem se destacando como uma das principais economias mundiais na atualidade. Esse cenário é reflexo das alterações ocorridas no sistema internacional, principalmente a partir do final do século passado. (LEÃO, PINTO, ACIOLY, 2011).

A forma como a China lidou com as alterações geradas a partir da década de 1990 foi muito diferente da postura adotada pelo Brasil. Uma das principais diferenças foi que enquanto o Brasil se beneficiou da demanda por commodities, a China investiu no setor industrial e de tecnologia. (MARQUES, CAMPOS, 2020).

As transformações ocorridas na China fizeram com que o país saísse de uma posição de isolamento para uma economia integrada. Os pilares dessas mudanças foram a abertura para o investimento estrangeiro, mas não tão livre como ocorreu no Brasil, utilização dos recursos financeiros aliado a mão de obra, com o intuito de elevar a produção de bens relacionadas a tecnologia e inovação. (MARQUES, CAMPOS, 2020).

Nota-se que a China aliou pontos essenciais para se destacar e alcançar a posição que ocupa hoje. Trata-se de um país com uma população extremamente organizada, que oferece mão de obra qualificada e com salários baixos. A desvalorização da moeda tem alguns objetivos, tais como: garantir o desenvolvimento interno e emprego, ao passo que solidifica a posição de um dos principais players do mercado. (MARQUES, CAMPOS, 2020).

O investimento estrangeiro foi destinado à produção de tecnologia e inovação, que geram maior valor agregado e retornam em saldo favorável na balança comercial. Essa organização explicita o caráter da Nova Divisão Internacional do Trabalho. Corroborando para a leitura de que, países como o Brasil tem maior afinidade com a exploração dos recursos naturais para gerar matéria prima. Ao passo que, país como

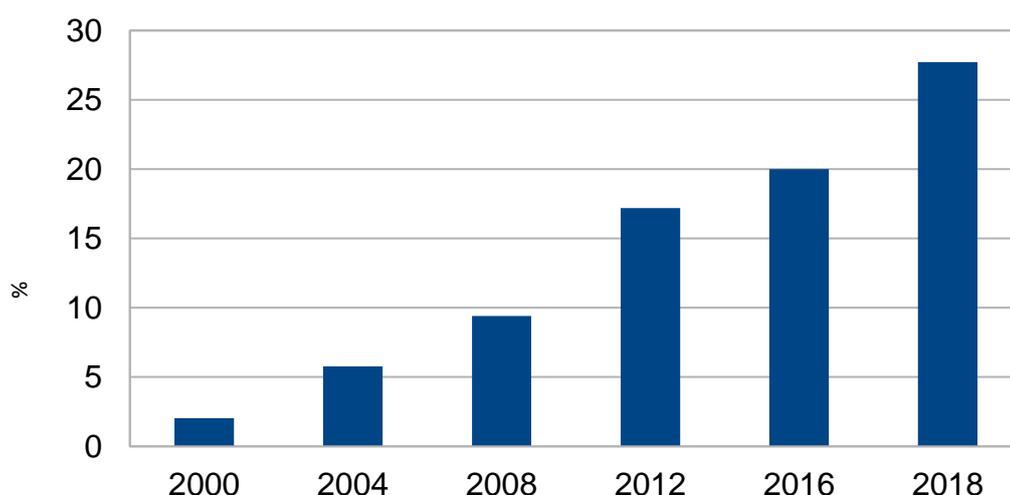
a China tem por característica investir em processos tecnológicos. (MARQUES, CAMPOS, 2020).

Essa especificação em ramos diferentes permite que haja trocas, com a finalidade de ser benéficas para ambos os lados. Contudo, também há um atraso no desenvolvimento interno dos países com perfil exportador de matérias-primas. Pois, para que esse cenário se torne realidade é necessário investir da forma correta e definir políticas específicas. (MARQUES, CAMPOS, 2020).

O comércio entre Brasil e China é marcado pela exportação brasileira de commodities, sendo esses produtos de baixo valor agregado, e importação chinesa de produtos manufaturados, que já passaram por algum processo na cadeia produtiva gerando maior valor agregado. (MARQUES, CAMPOS, 2020).

Os anos 2000 foram marcados pelo boom das commodities brasileiras, com destaque para bens primários e minério de ferro. O comércio entre Brasil e China é marcado pela exportação brasileira de commodities, sendo esses produtos de baixo valor agregado. Por outro lado cresce a importação de produtos chineses manufaturados, que já passaram por algum processo na cadeia produtiva gerando maior valor agregado. (MARQUES, CAMPOS, 2020).

**Gráfico 2: Evolução da participação chinesa na exportação brasileira (2000-2018)**



Fonte: Elaboração própria da autora, a partir de dados do Atlas Harvard, no ano de 2022

Com base no Gráfico 2, podemos acompanhar o aumento das exportações brasileiras realizadas com destino a China, entre 2000 a 2018. No período analisado houve um aumento de mais 13 vezes, considerando que em 2000 o total exportado para a China era de apenas 2,05%. Em 2018 a China representava aproximadamente 27,72% das exportações totais brasileiras.

A China passa a ganhar espaço de destaque nas relações comerciais com o Brasil. No ano de 2000 ocupava a 11<sup>o</sup> posição, em 2008, ano marcado pela crise da bolha imobiliária norte-americana, estava na segunda colocação. Já a partir de 2009 passou a ocupar a 1<sup>o</sup> posição e se mantém na liderança desse ranking.

A crise fez com os Estados Unidos caíssem para a segunda posição, abrindo espaço para que a China chegasse ao topo. Não só a China ampliou as exportações com o Brasil no pós-crise, mas toda a Ásia. E em contramão a esse crescimento houve queda nas exportações não só com os Estados Unidos, mas com a Europa e com o Mercosul também. (MARQUES, CAMPOS, 2020).

O capitalismo destaca-se pela ciclicidade e a cada novo ciclo traz desafios e impulsiona alterações sistêmicas. O boom das *commodities* que o Brasil passou foi acompanhado por uma nova organização do cenário internacional, no qual houve uma boa projeção. Essa dinâmica se deu em grande parte pelos critérios utilizados pelo Ministério das Relações Exteriores, que passou a priorizar o contato com países periféricos. (WOLFF, 2020).

As parcerias a nível Sul-Sul, também se destacam nesse momento. Os principais objetivos são: fomentar o desenvolvimento através de novas tecnologias nos países em desenvolvimento, aumento na participação das atividades econômicas, intercâmbio de experiências, compartilhamento de recursos, entre outros. (WOLFF, 2020).

Mesmo após a crise o Brasil manteve altos níveis de exportação de commodities, abastecendo o mercado chinês que já vem se expandindo desde o início dos anos 1990. (MARQUES, CAMPOS, 2020).

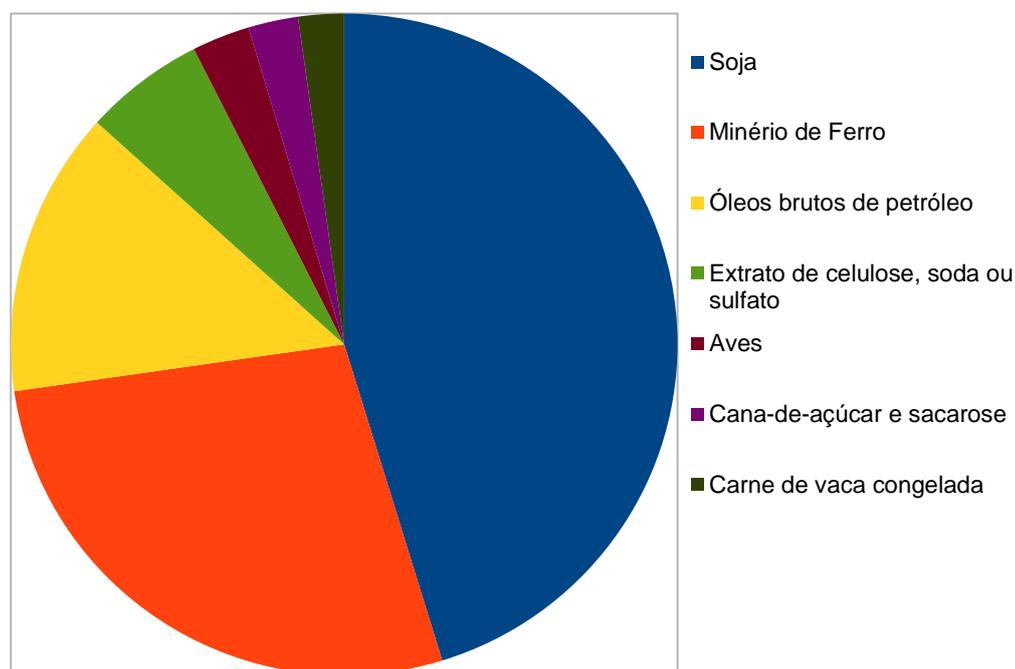
Vale destacar que muitos dos produtos exportados pela China passam por alterações, com a finalidade de gerar maior valor agregado, para serem exportados a outros países, resultando em superávit significativo na balança comercial chinesa. (MARQUES, CAMPOS, 2020).

Uma das principais características do comércio entre o Brasil e a China é: o nosso país exporta bens primários que possuem baixo valor agregado, a China adota uma estratégia no médio e longo prazo para gerar valor agregado internamente a esses produtos (utilizando a cadeia de produção e o mercado interno) e assim desenvolve a sua economia. (MARQUES, CAMPOS, 2020).

O Gráfico 3 traz os principais produtos exportados do Brasil para a China, no ano de 2018. O ano base escolhido traz produtos que são em si os mais exportados em anos anteriores também.

Com base em 2018, os produtos exportados predominantemente foram: soja (37,57%), minério de ferro (22,82%), óleos brutos de petróleo (11,60%), extrato de celulose, soda ou sulfato (4,86%), aves (2,33%), cana de açúcar (2,01%) e carne bovina congelada (1,84%). Percebe-se, portanto, que há total ausência de produtos industrializados entre os mais exportados do Brasil para a China.

**Gráfico 3: Principais produtos exportados pelo Brasil para a China (2018)**



Fonte: Elaboração própria da autora, a partir de dados do Atlas Harvard, no ano de 2022.

De acordo com as informações apresentadas até aqui notamos que as trocas feitas entre o Brasil e a China, reforçam o perfil exportador de commodities do nosso país, gerando a primarização da pauta exportadora. (CARDOZO, 2018).

Na próxima seção analisaremos como se dá o comércio entre a China e o estado de Minas Gerais e as suas particularidades.

## **2. Comércio entre o estado de Minas Gerais e China no período de 2008 a 2018**

Minas Gerais é o maior estado da região sudeste e o segundo mais populoso do país. Com localização privilegiada em relação aos recursos naturais e integração inter-regional, se estabeleceu como um estado industrializado e exportador ao mesmo tempo. Desde a década de 1990, ocupa posto de destaque dentre os demais estados brasileiros. E devido a exportações de minérios ocupa o posto de segundo principal estado exportador da região sudeste, perdendo apenas para o estado de São Paulo. (MONTENEGRO, COSTA,2021).

Ainda segundo (MONTENEGRO, COSTA,2021. p. 225):

Entre os dez maiores municípios brasileiros mineradores, sete estão em Minas, sendo Itabira o maior do País; com mais de 300 minas em operação (IBRAM, 2015). Das 100 maiores minas do Brasil, 40 estão localizadas no Estado e, 67% das minas classe A (produção superior a três milhões t/ano) estão em Minas Gerais. A evolução da Produção Mineral Brasileira (PMB) demonstra o quanto o Brasil já avançou no crescimento e diversificação da exploração de seus recursos minerais.

O estado de Minas Gerais é dividido em doze mesorregiões, sendo elas: Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Noroeste de Minas, Norte de Minas, Sul e Sudoeste de Minas, Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Zona da Mata, Campo das Vertentes, Central Mineira, Vale do Rio Doce, Metropolitana de Belo Horizonte, Oeste de Minas. Sendo que cada uma tem suas características e influências na pauta de exportação do estado. (MONTENEGRO, COSTA,2021).

Conforme sinalizado por Montenegro, Costa (2021. p. 233), a mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte (MBH) se destaca pela produção de: escórias e cinzas, ferro fundidos, máquinas, aparelhos e materiais elétricos e obras de pedra.

Em outras mesorregiões temos a produção de: veículos automotores, pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas, ferro e aço, ferro fundido, açúcares e produtos de confeitaria. (MONTENEGRO, COSTA, 2021. p. 234 e 235).

Na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, sobressai a produção de: soja, milho, cana de açúcar, arroz, frutas variadas, rebanho bovino, criação de aves e fertilizantes. A junção da localização estratégica, mão de obra qualificada, condições favoráveis ao agronegócio e infraestrutura de qualidade são particularidades dessa parte do estado. (MONTENEGRO, COSTA,2021).

A mesorregião Sul e Sudoeste tem como pilar o café, sendo considerada a segunda região de maior importância para a economia do estado. Tratando-se da mesorregião do Vale do Rio Doce, encontram-se características distintas. Pois, há ao mesmo tempo uma parte industrializada e outra estagnada. Em relação a produção temos: minérios, escórias e cinzas, produtos químicos inorgânicos; compostos orgânicos ou inorgânicos de metais preciosos, de elementos radioativos, de metais das terras raras ou de isótopos, pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas ou semi preciosas e semelhantes, metais preciosos, metais folheados ou chapeados de metais preciosos (plaquê) e suas obras; bijuterias, moedas. (MONTENEGRO, COSTA, 2021).

No Noroeste prevalece o setor da agropecuária, extração mineral e siderurgia. Os principais produtos são: café, chá mate e especiarias, sementes e frutos oleaginosos, arroz, feijão, milho e soja. (MONTENEGRO, COSTA, 2021).

A Zona da Mata apresenta uma pauta de exportações bem diversificada, com destaque para: café, produtos alimentares, siderurgia e automóveis. No Campo das Vertentes o destaque é a produção de café, além de: obras de ferro fundido, ferro ou aço, pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas, papel ou cartão para reciclar. (MONTENEGRO, COSTA, 2021).

As mesorregiões do Vale do Mucuri e Jequitinhonha apresentam características muito semelhantes e as principais atividades econômicas são: agricultura, pecuária, mineração, pedras ornamentais, pedras preciosas, ferro-liga, metalurgia, reflorestamento, têxteis, frutas e minerais não metálicos. Os principais setores exportadores são: veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios; produtos químicos inorgânicos; compostos inorgânicos ou orgânicos de metais preciosos, de elementos radioativos, de metais das terras raras ou de isótopos; reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos e suas partes. (MONTENEGRO, COSTA,2021).

De acordo com (SILVA, et al, 2016,p.116):

Para o setor de calçados/couro, observa-se que Minas Gerais é o sexto maior estado exportador brasileiro de calçados, e o terceiro maior estado produtor. As exportações do estado concentram-se no município de Nova Serrana e no Polo de Uberaba principalmente em calçados esportivos; e masculinos, femininos, infantis, esportivos, entre outros, respectivamente (ZINGANO; OLIVEIRA, 2014). Os principais destinos destes produtos são Argentina, Estados Unidos, França, Austrália e Cuba (Agência Minas, 2015).

Minas Gerais é conhecido por ser um estado tanto industrializado quanto exportador e possui grande semelhança ao país tratando-se da pauta exportadora, com destaque nos produtos agrícolas e minerais. Tais como: minério de ferro, ferro, aço, pedras preciosas, açúcar, café, milho, soja, pecuária. (MONTENEGRO, COSTA,2021).

Nos gráficos 4 e 5 temos as importações e exportações do estado com os seus principais parceiros econômicos no período de 2008 a 2018.

Comparando os dados apresentados nos gráficos 4 e 5, notamos que os postos de primeiro e segundo lugar são ocupados por: China no quesito exportações enquanto Estados Unidos e Argentina são os principais parceiros no quesito importações.

Houve alta na taxa das exportações no período de 2008 a 2011, seguido por uma pequena queda em 2012 que se estabilizou até 2014. Os anos de 2015 e 2016, foram marcados por nova queda. E em 2017 e 2018 os números voltaram a subir.

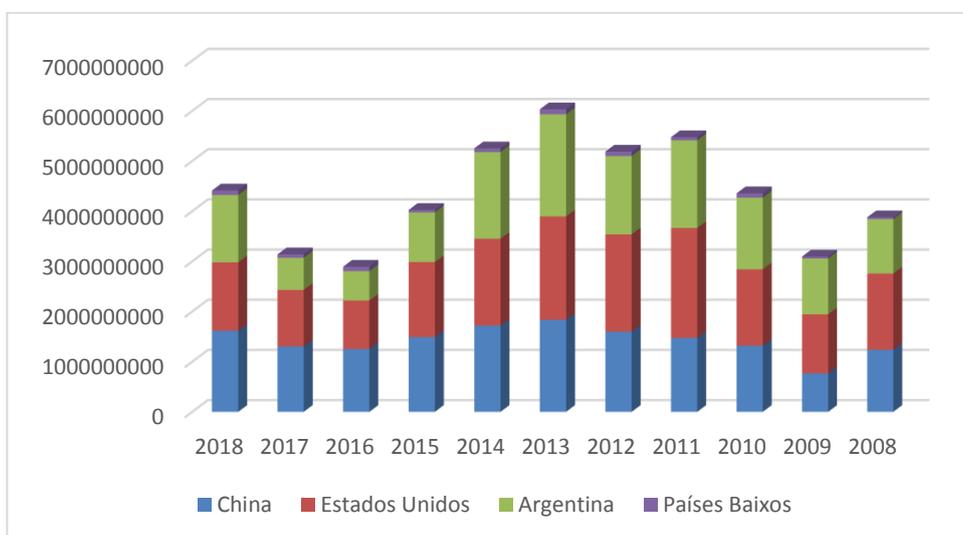
Em relação às importações houve alta no período de 2008 a 2013 e a partir de 2014 a 2017, apresenta queda gradual. Sendo que os números só voltam a subir em 2018.

**Gráfico 4: Exportações entre Minas Gerais e seus principais parceiros econômicos no período entre 2008-2018 (em US\$)**



Fonte: Elaboração própria da autora, a partir de dados do MDIC, no ano de 2019.

**Gráfico 5: Importações entre Minas Gerais e seus principais parceiros econômicos no período entre 2008-2018 (em US\$)**



Fonte: Elaboração própria da autora, a partir de dados do MDIC, no ano de 2019.

Minas Gerais produz e exporta, majoritariamente, produtos primários agrícolas e minerais. Os principais são: ouro, café, leite e pedras preciosas. Quase metade dessa produção está entre: minério de ferro e café. A exceção nesse padrão se dá pela exportação de automóveis, autopeça e tratores. Em função da fábrica da Fiat, localizada em Betim região metropolitana de Belo Horizonte. (LIBÂNIO, 2008).

O fato de a China ter passado por expansão, principalmente a partir dos anos 2000, faz com o esse país aumente a sua demanda por commodities e bens primários. E o estado de Minas Gerais é um dos que mais produz esses itens que estão sendo demandados exponencialmente. Ou seja, há uma complementariedade entre o padrão de especialização do estado com a alta demanda gerada pela expansão chinesa. (LIBÂNIO,2008).

Ainda de acordo com Libânio (2008), o estado de Minas Gerais foi beneficiado por essa complementariedade com a China. Pois, a alta demanda por commodities fez com que o preço aumentasse. A situação não foi a mesma em todo o Brasil, haja vista que os estados que competem com a China ficaram em desvantagem.

Por estar em uma posição favorável, no que diz respeito ao padrão de especialização, Minas Gerais vivenciou um aumento significativo do PIB por setor de atividade principalmente em relação à indústria extrativa mineral. (LIBÂNIO, 2008).

Esse alto grau de especialização em produtos primários agrícolas e minerais trouxe benefícios econômicos ao estado. Mas ao mesmo tempo deixou o setor refém das flutuações de preço no mercado internacional, além de que essa exploração gera danos ambientais que dependendo do nível podem ser irreversíveis. (LIBÂNIO,2008).

**Gráfico 6: Exportações e importações entre Minas Gerais e o mundo no período entre 2008-2018 (em US\$)**



Fonte: Elaboração própria da autora, a partir de dados do MDIC, no ano de 2019.

O Gráfico 6 elucida a alta no nível das exportações realizadas por Minas Gerais entre 2008 a 2018. Com quedas em 2009 e de 2014 a 2016. Podemos notar que a

pauta exportadora foi favorecida pela crescente demanda chinesa. Enquanto os níveis de importações no mesmo período não foram tão expressivos.

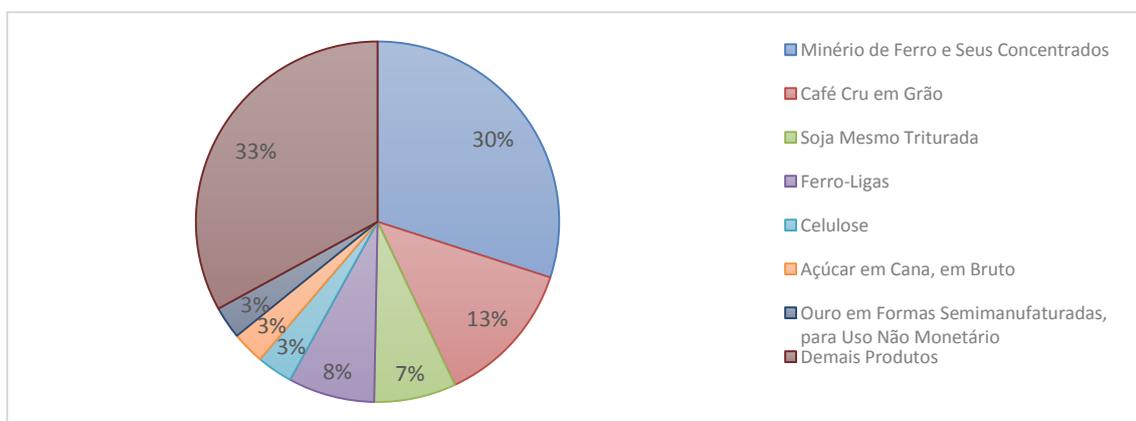
De acordo com Silva, et al (2016), o estado de Minas Gerais tem papel de destaque no comércio internacional brasileiro, pois é o segundo estado que mais exporta no país. E no período de 2000 a 2014 notou-se alteração dos quatro principais destinos das exportações mineiras, o destaque fica para a China que ultrapassa os Estados Unidos e assume o ranking.

A principal *commoditie* exportada para a China, nesse período, foi o minério de ferro, devido a sua ampla utilização no setor industrial da siderurgia, além das melhorias em infraestrutura e aumento da urbanização. (SILVA, et al, 2016).

Minas Gerais é responsável pela produção de mais da metade de minerais metálicos e quase 30% de minérios em geral. Isso se dá ao fato de o estado ser o principal minerador do país. Quase 60% das exportações do estado dizem respeito ao setor mineral, dados de 2013. Dentre os minérios e metais exportados destacam-se: minério de ferro, ouro, nióbio, silício, minério de manganês, bauxita, estanho, chumbo, granito, dentre outros. (SILVA, et al, 2016).

O gráfico 7 traz os principais produtos exportados por Minas Gerais no ano de 2018. Podemos destacar: minério de ferro, café, soja, ferro, dentre outros. A somatória do minério de ferro, ferro e ouro representam 41% do total exportado pelo estado no ano.

**Gráfico 7: Principais produtos exportados por Minas Gerais (2018)**



Fonte: Elaboração própria da autora, a partir de dados do MDIC, no ano de 2019.

Tratando das exportações do estado de Minas Gerais, destaca-se no gráfico 8 os principais produtos exportados para a China e Estados Unidos no ano de 2018. Cada qual especificado em um gráfico.

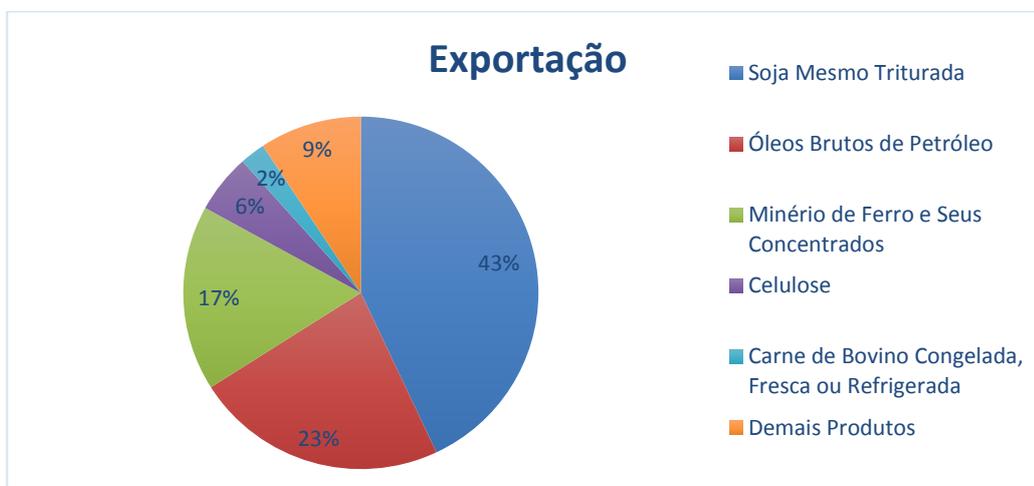
**Gráfico 8: Principais produtos exportados de Minas Gerais para Estados Unidos (2018)**



Fonte: Elaboração própria da autora, a partir de dados do MDIC, no ano de 2019.

Os principais produtos exportados foram: ferro, aço e óleos brutos de petróleo que respondem a 22% do total. Esses dados reforçam o perfil primário exportador do estado, que já detalhado anteriormente.

**Gráfico 9: Principais produtos exportados de Minas Gerais para China (2018)**

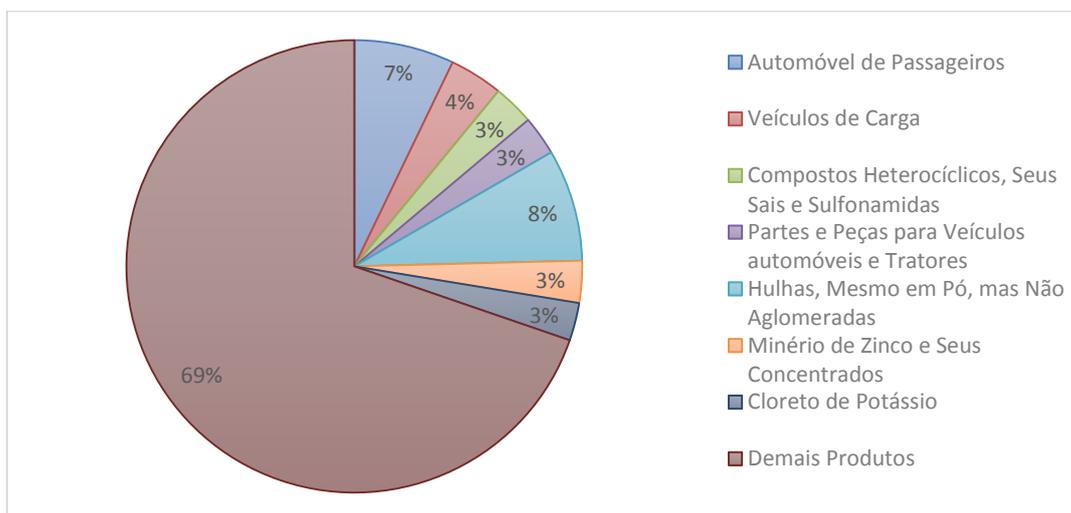


Fonte: Elaboração própria da autora, a partir de dados do MDIC, no ano de 2019.

No total das exportações para a China no ano de 2018, conforme gráfico 9 fica claro o perfil exportador de commodities do estado. Quase a metade do total diz respeito à soja, 23% são oriundos de óleos brutos de petróleo, minério de ferro representa quase 1/5 desse total, celulose um pouco mais de 5% e a carne bovina 2%.

Em relação à pauta importadora, temos o gráfico abaixo que demonstra os principais produtos importados pelo estado de Minas Gerais no ano de 2018. Com destaque para: hulhas (carvão negro) representando 8%, automóveis de passageiros representando 7%, veículos de cargas e peças para veículos também representam 7% do total.

**Gráfico 10: Principais produtos importados por Minas Gerais (2018)**



Fonte: Elaboração própria da autora, a partir de dados do MDIC, no ano de 2019.

Conforme descrito em toda a seção 2, o estado de Minas Gerais apresenta bastante diversidade em relação a sua pauta exportadora, com destaque para as atividades: extrativa mineral e agropecuária. Também há destaque para alguns produtos manufaturados, em especial o setor de calçados pois o estado é o terceiro maior produtor do pa. A predominância desses ramos de atividade é em grande parte fruto da formação geográfica rica em recursos naturais e posição logística privilegiada.

Esse perfil do estado permite que sejam produzidos os principais produtos demandados pela China um país em ascensão que necessita de matéria prima. Portanto, temos na relação econômica da China com o estado de Minas Gerais um

alto grau de complementariedade, que é responsável pela reprimarização da pauta exportadora.

O alto grau de complementariedade das relações comerciais entre o estado de Minas Gerais e a China foi em grande parte um dos fatores que gerou a alta no PIB das atividades relativas à produção das commodities encontradas no estado. A ampliação e modernização das cidades e desenvolvimento das indústrias chinesas fez com que muitos insumos básicos fossem necessários. Essa complementariedade foi responsável por arraigar o caráter primário exportador do estado e reforçar os problemas decorrentes do padrão de especialização.

## **CONCLUSÃO**

Com base nos dados e na literatura apresentada no artigo, notamos que a aproximação econômica e as trocas comerciais realizadas entre a China e o Brasil, em específico no estado de Minas Gerais nos anos de 2008 a 2018, fizeram com que houvesse alta no preço das commodities que alavancou as exportações de produtos primários no estado e no país. Mas notamos variações de valor do preço desses produtos, em especial a partir de 2012 ocasionadas principalmente pela oscilação do preço do petróleo.

Essa alta demanda reforça o papel periférico ocupado pelo Brasil, enquanto país subdesenvolvido. Uma vez que o país e principalmente o estado são reconhecidamente exportadores de bens primários, ao passo que se especializam em produtos de baixo valor agregado.

Esse aumento no valor das commodities não se sustenta a médio/longo prazo, tendo em vista que quem dita os preços é o mercado externo. Além de não promover o desenvolvimento econômico interno, que na grande maioria é fruto de investimentos, mudanças estruturais significativas, tecnologia, pesquisa e desenvolvimento.

A China adota estratégias distintas do Brasil e do estado de Minas Gerais, utilizou os investimentos externos para desenvolver tecnologia que foi agregada aos produtos primários importados e logo após exportaram esses produtos gerando saldo positivo na sua balança comercial, por exemplo.

O ponto destacado acima é uma das principais diferenças entre a China e Minas Gerais (Brasil), que em grande medida possibilitou a ascensão acelerada e relativamente estável do país.

Portanto, a aproximação entre China e Minas Gerais gerou reprimarização na pauta exportadora do estado sim, reforçando o perfil periférico/subdesenvolvido do país deixando-o vulnerável as variações dos preços das commodities.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOZO, Soraia Aparecida. Comércio internacional, estrutura produtiva industrial, emprego e renda nas macrorregiões brasileiras (2004 a 2014). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 401, 27 mar. 2018. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR).

CARDOZO, Soraia Aparecida. Desindustrialização e reprimarização: um olhar para a estrutura industrial brasileira nos anos 2000 a partir da Nova Divisão Internacional do Trabalho. *In*: XXIII ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 23. 2018, Niterói. **Anais** [...] Niterói: Sociedade Brasileira de Economia Política, 2018.

LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira; PINTO, Eduardo Costa; ACIOLY, Luciana. **A China na Nova Configuração Global**: impactos políticos e econômicos. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2011.

LIBÂNIO, Gilberto. SETOR EXTERNO E ECONOMIA INTERNACIONAL: o crescimento da china e seus impactos sobre a economia mineira. **Economia & Tecnologia**, [s. l], v. 13, n. 04, p. 103-110, jun. 2008.

MARQUES, Tomás Costa de Azevedo; CAMPOS, Reinaldo. UMA ANÁLISE DO COMÉRCIO BILATERAL BRASIL-CHINA: a deterioração dos termos de troca e o caso da soja. **Revista Tempo do Mundo**, [S.L.], n. 24, p. 379-402, 10 mar. 2021. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA.

MATTOS, Fernando Augusto Mansor de; CARCANHOLO, Marcelo Dias. Amenazas y oportunidades del comercio brasileño con China: lecciones para Brasil. **Problemas del Desarrollo**, [s. l], v. 43, n. 168, p. 117-145, mar. 2012.

MONTENEGRO, Rosa Livia Gonçalves; COSTA, Sávio Augusto Tavares. Dinâmica das exportações no estado de Minas Gerais: uma análise de shift-share (2006-2016). **Geosul**, [S.L.], v. 36, n. 79, p. 219-248, 3 set. 2021. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

PAUTASSO, Diego. O lugar da China no comércio exterior brasileiro. **Meridiano**, [s. l.], v. 47, n. 114, p. 25-27, jan. 2010.

**PERFIL EXPORTADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS**. Brasília: Agência Brasileira de Promoção de Exportações e investimentos - ApexBrasil, 2013.

SILVA, Mygre Lopes da; SILVA, Rodrigo Abbade da; CORONEL, Daniel Arruda. PADRÃO DE ESPECIALIZAÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL DE MINAS GERAIS (1999-2014). **Revista Competitividade e Sustentabilidade**, [S.L.], v. 3, n. 2, p. 102-121, dez. 2016. Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

RAMOS, Ângelo Felipe Zuchetto; WEBER, Josnei Machry. Nova Divisão Internacional do Trabalho e terceirização: da centralidade da categoria trabalho à flexibilização dos direitos dos trabalhadores. In: XIII SIMPÓSIO IBEROAMERICANO EM COMÉRCIO INTERNACIONAL, DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO REGIONAL, 2017, Cerro Largo. **Artigo**. Cerro Largo: Red Cidir, 2017. p. 1-16.

WOLFF, Laura. O que é Cooperação Sul-Sul e por que ela é importante? Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/pelotasmun/2020/09/13/o-que-e-cooperacao-sul-sul-e-por-que-ela-e-importante/>. Acesso em: 15 mar. 2022.